



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JANE CARVALHO DA CUNHA**

**(entrevista)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-790

**Entrevistada:** Jane Carvalho da Cunha

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Brasília, DF

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 17/05/2017

**Transcrição:** Laura Giovana dos Santos Andrade

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 38 minutos e 18 segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação em Ciências Contábeis; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Implementação dos convênios de Japeri e Belford Roxo na Baixada Fluminense; Perfil de atividades das cidades; Processo seletivo para agentes do projeto. Atividades desenvolvidas; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Brasília, 17 de maio de 2017. Entrevista com Jane Carvalho da Cunha a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Jane, primeiro eu queria te agradecer por disponibilizar esse tempo para conversar com a gente. Eu gostaria que tu começasse falando um pouquinho sobre a tua formação e a tua trajetória.

J.C. – Então, eu me chamo Jane e tenho 53 anos. Eu sou formada em Ciências Contábeis e trabalhei muito tempo da minha vida na parte de escritório de contabilidade. Eu tive uma experiência de sete anos trabalhando na Central Única das Favelas, eu trabalhei muito tempo e comecei a fazer gestão de convênios junto ao Ministério do Esporte com projetos de cultura urbana. Quando eu comecei a trabalhar lá... Comecei a trabalhar esse período lá, saí da instituição porque o Governo em si diminuiu as parcerias com as ONGs<sup>1</sup> e aí eu fui para o setor público porque sabia mexer com o SICONV<sup>2</sup>. E aí eu fui para lá e caiu no meu colo os programas do Ministério que... Eu não tenho nada a ver com esporte, sempre falam que eu sou a contadora que mais conhece de esporte porque trabalhou. E aí eu conheci o PELC<sup>3</sup>, comecei mais com o pessoal do PELC desde o... Já estava formalizado e comecei a implantar, a implementar ele no município pequeno que é o de Japeri no Rio de Janeiro. E aí segui nessa linha de gestão de convênios, entendeu?

P.J. – E fala um pouquinho para gente como foi implementar esses primeiros passos do PELC lá.

J.C. – Então, o Rio de Janeiro conhece que o ramal de Japeri, a malha ferroviária tem vários ramais, então assim, sempre foi considerado uma cidade dormitório. Uma cidade de cento e vinte mil habitantes, é grande, tem duas áreas de proteção ambiental muito grandes e ela é dividida em dois distritos praticamente: um com uma população muito pobre... E assim, de conceitos religiosos estão muito presentes, então para as pessoas o esporte era nada, sabe? Não tinha essa visão do esporte. A prefeitura até tinha alguns espaços, mas ociosos porque não tinha o programa de esporte lá. E aí quando o PELC chegou, foi legal

---

<sup>1</sup> Organizações não governamentais.

<sup>2</sup> Sistema de Convênios.

porque nós conseguimos, os coordenadores que também abraçaram isso e viram a possibilidade de estarmos fazendo um trabalho muito grande em um município que não tinha nada. Então nós tínhamos três núcleos que nós conseguíamos movimentar quase três mil pessoas de pessoas que pediam assim: “Olha, você pode fechar a quadra para ninguém entrar porque nós somos evangélicas e fica feio dançar zumba.” E assim, a gente viu experiências e histórias de pessoas que estavam deprimidas, eu tenho até uns gravados que eu queria continuar o trabalho e mostrar isso para as pessoas e fazer um trabalho mostrando para elas mesmas, dizendo: “Olha aqui como você era e como você cresceu!” Pessoas que chegavam deprimidas, viúvos que não saiam de casa mais, crianças que o nível de violência era muito grande, que estavam já prontos para entrar no tráfico. Então, o PELC lá em Japeri teve uma abrangência assim grandiosa, mas assim grande de a gente fazer uma simulação das Olimpíadas<sup>4</sup> ano passado dentro do município e teve quase mil pessoas participando!

P.J. – Como foi para ti que é das ciências contábeis, trabalhar com esporte? A tua preparação para trabalhar...

J.C. – Então, eu fiz as capacitações. Hoje eu estou aqui fazendo a terceira capacitação<sup>5</sup> que eu fiz.... Depois o convênio não entrou e depois entrou e eu agora eu estou fazendo por outro município. Já fiz também duas EAD<sup>6</sup> do PELC, fiz também no Programa Segundo Tempo... Eu gosto de ler e tudo, mas a minha maior experiência foi pelo resultado do pessoal lá, sabe? Porque eu não sou da área de Educação Física, sou da área de Gestão, e falei assim: “Eu não sou profissional de Educação Física para poder gerenciar isso como a diretriz pede, mas eu sei gerenciar um convênio, então, eu sei atingir os objetivos, eu sei olhar e visualizar ali e tal... Eu consigo fazer essa gestão”. E vi o resultado como muito satisfatório ver assim que o trabalho que a gente fez... Eu costumo sempre falar, até me emociono, porque eu falo para elas assim que o trabalho que a gente faz com as pessoas, não é uma roupa que não deu certo, não deu certo a gente bota lá, vai para fábrica, vai para a doação, a gente descarta... Não. O trabalho que vocês fazem é para sempre, é para vida

---

<sup>3</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>4</sup> Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizados em 2016.

<sup>5</sup> A entrevista foi realizada durante o encontro de capacitação que estava sendo realizado em Brasília.

<sup>6</sup> Educação a Distância.

deles, não tem volta. Então faça o melhor! E elas abraçaram isso de uma forma tão legal que o grupo que a gente tinha eram seis coordenadoras mulheres que deu um resultado assim monstruoso. Muito bom! Lá a gente tem uma piscina de hidroginástica de cem pessoas, as aulas de zumba chegava a cento e cinquenta pessoas, assim... E se você olhar para as pessoas e pensava: “Gente, como elas conseguem?” Umas pessoas muito simples... Aí vão fazer um aniversário do coordenador, todos trazem uma coisinha, então, a gente viu que todo mundo tem algo para dar e retribuir aquilo. Era jeito de retribuir aquilo que elas tinham. As festas lá eram assim, comilança porque nunca permitiram.... Vocês vêm para cá para ter vida saudável e volta todo mundo muito mais gordo. Mas assim, foi muito satisfatório para mim que não tinha... Nem sei, nem pratico esporte praticamente foi assim, mudou até meus conceitos, meu e dos meus filhos, principalmente na questão do lazer porque ninguém brinca, ninguém se diverte, ninguém interage. É uma correria muito grande de trabalho, de correria do dia-a-dia... E lá em Japeri é muito isso porque é uma cidade dormitório. Para você ter uma ideia, de Japeri até o centro do Rio é em torno de uma hora e vinte, uma hora e meia de trem! Quer dizer, tem aquela paradinha, então, não tem engarrafamento. É muito longe, é tudo muito lotado! Então aquelas pessoas que passam o dia em meio de transporte porque saem muito cedo, trabalha, volta muito tarde... Sábado e domingo não tinha nenhuma opção de lazer! A gente conseguiu ajustar horários que, enquanto o marido foi trabalhar, a esposa está lá, as crianças saem da escola e vão lá para a quadra... A gente conseguiu mudar isso! Nós sacudimos realmente e deu certo porque realmente não tinha nada. As crianças no futsal, ballet... Eu lembro que eu fui em uma apresentação num lugar muito simples, muito simples mesmo e a moça falou assim: “Olha, eu queria agradecer vocês... Eu nunca imaginei da minha filha estar dançando ballet!”. Aí nós fizemos uma vaquinha para comprar uma sapatilha porque dançar no chão não dá! Aí cada um adotou uma criança, eu liguei para a empresa mais próxima e pedi desconto para vinte crianças fazer ballet e ela se sensibilizou como eram um volume maior, veio duas sapatilhas... Todas as meninas com sapatilha, mas assim, roupinha feita de TNT que o pessoal do artesanato fez. A gente foi construindo uma história com essa criançada e dançam a valer, o que fez as mães chorarem! Foi muito gratificante, eu acho que eu nunca vivi na minha vida, nesses 53 anos, nem mesmo na CUFA<sup>7</sup> quando eu trabalhei em favela, um momento tão emocionante como esse, vivendo com essas pessoas e vendo como pequenas ações que para gente parece que é tão simples para eles era tão

---

<sup>7</sup> Central Única das Favelas.

grandioso. E assim coisas que... Não vai ser uma bailarina, não vai sair um jogador de futebol, mas brincando interagindo, se divertindo, como a qualidade de vida dessas pessoas melhorou. E aí eles mesmo foram trazendo, cada um foi trazendo mais! Na hora, meu irmão, meu primo, meu “não-sei-quem”! A única coisa que a gente não conseguiu implementar foi basquete, mas o restante, capoeira, Hip-Hop, Muay Thai, Judô, lá tem muita questão de lutas, o ballet era uma das coisas mais bonitas assim, era muito gratificante.

P.J. – Tu comentou que o projeto permaneceu durante pouco tempo. Tu pode apontar para gente quais as maiores dificuldades que vocês encontraram, principalmente para implantar o projeto?

J.C. – A gente esbarrou com a morosidade do serviço público, da prefeitura, da questão de abrir processo, de tramitar, de fazer processo seletivo e foi uma dificuldade porque a gente sabe que infelizmente tem a questão política que é indicar pessoas e a gente queria fazer... Não tem que ter os profissionais, se não for assim não vai funcionar! Mas num grupo pequeno, seis núcleos, quarenta e duas, quarenta e três pessoas, dá para gente colocar seis coordenadores, todos formados em Educação Física, e os agentes não. Mas aí a gente... Bom, tem capoeira, preciso de um agente de capoeira. Então algumas atividades a gente teve facilidade de encontrar ali no município, apesar de ser um lugar carente, mas muita gente para sobreviver fazia as coisas e o *boom* do momento era a zumba! Então todo o lugar tinha uma pessoa que fazia zumba ou dança. Eles chamavam outro nome lá de uma dança que não era exatamente a zumba e aí nós conseguíamos adequar... E artesanato porque tinha muita gente que fazia artesanato. Eu disse; “Bom, não é só isso o programa né?” Aí nós conseguimos conciliar os agentes e as atividades. Depois a questão do espaço. Nós tínhamos quatro quadras poliesportivas, cobertas que dava para fazer todas as atividades ali. E lugares assim, próximos com uma grande comunidade em torno. Mas duas quadras não eram assim. Nós tivemos que, para atender uma comunidade muito carente, das meninas do ballet, a gente teve que usar parte da escola e parte da quadra que era descoberta. Então assim, não ter o lugar adequado que a gente pudesse usar para fazer tudo, apesar de ter, mas assim, uma era no meio do tráfico, não dava para entrar porque ninguém ia. Não adianta a gente querer levar também porque o profissional acaba correndo risco, a gente tem lugares lá que tinha um lugar bom para fazer, mas aí ninguém queria ir

para fazer porque era no meio do tráfico! Era uma comunidade, então quem queria entrar lá? Eu disse: “Gente, eles vão saber...”. “Não, Jane! Não adianta vim com essa tua teoria...” Eu acreditava que dava porque os trabalhos que a CUFA fazia dentro das comunidades, ninguém nunca mexeu porque a pessoa que é ali da comunidade não tem como mandar os filhos dele para o entorno porque é aquele reduto deles, ele corre o risco do filho do traficante ser morto se sair da favela. Então eles levam alguma coisa para dentro da favela, isso é uma experiência que eu tive tendo ali um outro trabalho. Então a gente conseguiu levar muitas atividades da CUFA de cultura urbana para dentro das favelas por conta desse conceito. Aí é uma comunidade fechada então consegue entrar, mas eles não podem sair. Só que a CUFA tem sede, inclusive tem aqui em Brasília, mas tem no país inteiro e no Rio de Janeiro era tipo a matriz. Então a gente conseguia entrar nas comunidades e fazer um trabalho lá dentro. Mas essas comunidades que entraram dentro dos municípios por conta da evasão assim que quando começa a UPP<sup>8</sup> no Rio de Janeiro, todo o tráfico descentraliza e começa ir para Baixada Fluminense, a região dos Lagos, a região Serrana por conta dessas UPPs. Quando acabou a Copa<sup>9</sup> e acabou a Olimpíada o tráfico volta todo para sua origem. Aí eles começaram a assustar a população toda então em uma comunidade dessas, num lugar desses, cento e vinte mil pessoas, pessoas carentes, pessoas com pouca cultura, muitos evangélicos, entra o tráfico desses ninguém queria ir. Então nós tivemos que fazer opção de botar em centros, lugares de fácil acesso e que a gente sabia que não tinha movimentação nenhuma em torno para poder atender todo mundo, então conviver com a violência foi uma dificuldade. Essa questão de tramitação também de foi difícil, até licitar tudo e ver material, selecionar os profissionais... A manutenção já foi fácil. Manter o programa porque a gente tinha essa questão da formação que para a gente era muito importante. Eu nunca pensei nisso de fazer o EAD dentro da formação. Eu realmente não pensei nisso, mas a gente sempre se reunia. A gente fazia todos os coordenadores comigo, que na época eu fazia... A coordenadora tinha saído, eu fiquei como interlocutora e como pedagógica. Fiquei tentando fazer tudo, então, a gente se reunia sempre. Eu disse: “Gente! Eu tenho que desenvolver três papéis mais as minhas funções da secretaria, eu preciso que vocês estejam aqui comigo sempre para gente definir tarefas, definir tudo que a gente vai fazer, os eventos que a gente vai fazer, ideias novas de investimento também porque sabe que no serviço público o custo que tem ali para o evento é só de serviço...” Se alguma ou

---

<sup>8</sup> Unidade Política Pacífica.

<sup>9</sup> Referência à Copa do Mundo FIFA de Futebol realizado em 2014 no Brasil.

outra coisa que você pode botar, mas o evento não é só isso, demanda outras coisas. Às vezes você adequar tua ideia aquele recurso que você tem ali do convênio não dá para fazer nada. Então a gente pensava em coisas, aí cada uma fazia uma vaquinha com a outra. A gente: “Vamos vender uma rifa!” E o pessoal vendia uma rifa de dois, três reais, mas já da para fazer o Dia das Mães, comprar alguma coisa. Nós fizemos uma camiseta porque nosso convênio não tinha uma camiseta. Cada camiseta tinha uma manga colorida por núcleo e aí nesse dia das Olimpíadas nós mandamos todo mundo para o centro e fizemos uma corrida com tochas coisas assim bem Olimpíada mesmo. E assim a praça do centro fica lotada e passamos o dia fazendo evento entre todos os núcleos com algumas das modalidades esportivas. Foi bem bacana! De dar medalha, mas muita coisa assim com nossos recursos porque não tinha, não dava para fazer investimento que não estava previsto no orçamento da prefeitura e o governo também não contemplava. Eu acho que podia ter uma verba destinada para essas coisinhas... Pouca coisa, tipo um material de consumo de último caso e quando você escreve... Uma pessoa escreve e depois é outra que executa. Nem sempre quem escreve executa porque a tramitação é muito demorada. Então eu executava um convênio de quarenta núcleos que foi escrito em 2014, quer dizer, tudo está defasado. Tudo! Os recursos estão defasados, era outra gestão... Então assim, a gente... Eu estou assustada porque são trezentas pessoas que a gente vai ter, será que eu vou conseguir dar motivação com eles também? As dificuldades lá foram essas, o convênio foi bem até terminar a nossa gestão depois desandou um pouco porque essa questão política... Fizeram um novo processo seletivo, tiraram todo mundo, teve até um desconforto junto ao Ministério, mas não podia fazer mais nada! Eu falei: “Gente, eu não estou mais lá!” Então...

P.J. – E qual tua função hoje dentro do PELC e a partir de agora tu falou que vai executar um novo convênio?

J.C. – Eu continuo sendo interlocutora do SICONV dentro do PELC. Em Japeri era essa a minha função, eu era interlocutora do convênio e eu era coordenadora de projetos da Secretaria do Esporte em Japeri. Não sei, tem uma função que é diretora de Esporte e Lazer, acho que é isso que eu sou! Diretora de departamento de Esporte e Lazer e eu também sou interlocutora do SICONV... No geral, estou no PELC, mas a gente tem o Segundo Tempo que eu vou prestar conta e tem outros programas, então, essa parte mais

do SICONV essas coisas sou eu que faço. Minha praia, como a gente fala lá no Rio de Janeiro, minha praia mesmo é fazer essa gestão do convênio, essa implementação do convênio, A parte burocrática, sou contadora. Eu gosto de estar com o pessoal, de motivar o pessoal eu gosto muito disso!

P.J. – Fala um pouquinho para gente desse novo convênio que vocês vão executar agora, do número de núcleos, das pessoas...

J.C. – Então, Belford Roxo é outro município da Baixada Fluminense. Um pouquinho menor em tamanho que Japeri, 4 km é pouco coisa! Mas ele tem quase seiscentos mil habitantes. São trinte e sete bairros, o índice de violência é muito maior. É um ramal também, mas é um final de um ramal também, é central Belford Roxo, é um outro ramal também. São três grandes ramais no Rio de Janeiro: é o Japeri, Santa Cruz e Belford Roxo. E tem o Caxias também, quatro ramais. Ele é cortado pela malha ferroviária também e é um município que essa gestão nova agora começa com um município destruído porque a gestão anterior deixou o município destruído financeiramente, visualmente... Buraco, está muito ruim! E nossa maior dificuldade lá foi encontrar espaços para executar o convênio porque todos os espaços que estavam no convênio anterior... Esse convênio vem tramitando desde 2013, 2014 e aí ia ser cancelado, aí nessa tramitação de gestão, nesse governo que eles fizeram eles conseguiram vir aqui em Brasília e falar, como não tinha saído o recurso: “Libera o recurso que a gente vai executar!” E o pessoal daqui do Ministério, daqui dos técnicos, como eu estava sempre em contato com eles, conheço o rapaz lá, falei: “Eu queria ir lá para Belford Roxo!” Aí, quando o pessoal de Belford Roxo veio para cá disse: “Tem uma menina lá de Japeri que vai sair de lá, leva ela para lá então!”. Até facilitou a minha vida em Belford, é perto da minha casa também, é o município vizinho. E lá são quarenta núcleos, duzentos e oitenta e três profissionais. São quarenta coordenadores, dois setoriais, um pedagógico, duzentos e quarenta agentes. Nós já fizemos o processo seletivo, foram mais de duas mil pessoas no processo seletivo. Foi difícil, muito difícil e muito difícil também, igual a menina estava falando na questão da qualificação dos agentes porque cada vez passa vai ficando mais difícil conseguir essas lideranças para fazer essas atividades porque a pessoa às vezes que tem essa capacidade de fazer, não quer ganhar... Nosso convênio é setecentos e cinquenta reais, mesmo que são vinte horas, mas não quer para ganhar setecentos e cinquenta reais. Prefere dar aula o dia

inteiro na garagem dele. Isso foi uma dificuldade a gente conseguir adequar o profissional dentro dos agentes, mas aí conseguimos. E os quarenta núcleos, a gente tinha que atender os trinte e sete bairros pelo menos. E aí a gente tem também grandes áreas de risco em Belford Roxo. Em Japeri pelo menos eu tinha as quadras cobertas. Algumas boas, as quatro melhores quadras a gente usa para o PELC, poliesportiva. Lá em Belford Roxo eu não tenho nenhuma quadra coberta assim. Tem duas, tem uma vila Olímpica que está em fase de reforma, estava pronta e outra que o governo quebrou tudo e largou e aí está renovando um convênio também com o Ministério para terminar essa obra. E tem um espaço assim grande também que foi feito entre ruas de uma academia a céu aberto e conseguiram cobrir. Então assim de quarenta núcleos eu tenho duas praças cobertas que eu posso usar no espaço público. Tem algumas academias de terceira idade que tem todos aqueles instrumentos, mas também é tudo a céu aberto. E eu tenho lá, que é muito comum lá, espaços que eles fazem atividades. Por exemplo, o vereador X tem um espaço comunitário dele e tem zumba, tem capoeira e tem sei o quê lá. Então nós estamos conseguindo esses espaços, mas eu não consigo adequar o esporte e o lazer. Eu estou conseguindo colocar muito lazer, acho que eles vão ficar até felizes com isso, do que esporte. Porque realmente não tem muito lugar para desenvolver o esporte. Eu tenho uma procura... Vou ter quarenta núcleos com zumba, isso com certeza porque lá também zumba é uma febre. Alguns lugares eu vou conseguir hidroginástica, então assim, vai ficar bem diversificado por conta dos espaços, mas eu não vou conseguir atender a todos com todas as modalidades, isso aí a gente já sabe. Vai ser uma dificuldade que eu vou ter que... Escreveram um programa com aula de música, tênis de mesa... Esporte que eu falei que não tinha muito, mas é handebol, voleibol, futebol, futsal, basquete, danças - botaram como dança - capoeira... Aí eu estou pedindo para entrar com hidroginástica porque eu consegui as piscinas e tem o material, então eu vou conseguir entrar com hidroginástica e natação, apesar de estar fora e lutar porque a prefeitura esconde tatame, eu não consigo diversificar um pouco. E estou tentando ver se eu consigo pessoas de artesanato porque tem bastante gente para isso e acho que seria uma parceria muito grande como a gente vê lá em Japeri com o meio ambiente, de pegar o lixo e transformar esse lixo em artesanato que era o que a gente fazia lá em Japeri. A gente pegava todo o artesanato que era produzido era tudo de garrafa pet, de caixinha de leite era para tirar o lixo da rua e ajudava eles. E a gente está querendo levar essa mesma proposta lá. É um desafio! Acho que esse vai ser um grande desafio, implementar esse programa lá, nessa nova realidade, que é uma

nova realidade. Vai ser difícil... A gente está assim, tanto eu quanto o pessoal do Ministério, a gente está assim numa ansiedade grande porque também está tramitando. Nós não vamos conseguir cumprir o prazo de estruturação. Já acabou, acabou agora vinte e nove de abril. Já pedi uma prorrogação, mas pelo menos assim, a licitação foi ontem dia dezesseis, processo seletivo está pronto e não sei como a gente vai organizar capacitação para trezentas pessoas. É complicado!

P.J. – E tu trabalhou exclusivamente para o PELC todas as idades ou também para o Vida Saudável?

J.C. – Não. Nenhuma das cidades que eu trabalhei, teve interesse de fazer e eu até ia comentar isso aí com a menina porque olha só: o próprio PELC atinge um número muito grande de idosos então a gente... Como é um convênio que tem todas as idades, então assim a gente tinha quatrocentas pessoas! Imagina lá em Japeri, quatrocentas pessoas por núcleo eu tenho uma grande quantidade de idosos que participam. Se eu fizesse só um Vida Saudável, a gente achou que assim os mesmos beneficiados iam participar das duas eu não ia ter como comprovar beneficiados para os dois convênios já que o PELC atinge o Vida Saudável. Na verdade, um está dentro outro, o Vida Saudável está dentro do PELC. A mesma coisa é lá em Belford Roxo, eu tenho que atender dezesseis mil pessoas! Só do PELC, então dessas dezesseis mil pessoas eu posso dizer que 50% eu vou atender a faixa etária de idosos, então levar um outro programa que... Tudo bem que tem umas outras áreas mais específicas, mas assim é tão parecido que eu acho que, quando a gente faz a capacitação do PELC essa parte que é específica do Vida Saudável deveria vir junto. Porque o PELC atende uma quantidade muito grande de idosos, entendeu? Então não houve interesse, a gente queria tentar renovar o Segundo Tempo que seria dentro da escola e eu me inscrevi em Japeri no Luta pela Cidadania, mas não saiu. Mesmo os municípios que foram aprovados não saiu nenhum recurso porque tinha a questão de esporte educacional voltado para luta por disciplina, a gente pensou que ia ser muito bom para trabalhar com a criança. A criança ter disciplina, ter compromisso, entendeu? Então isso eu gostaria de implementar, o Luta pela Cidadania gostaria mesmo porque eu acho que o Vida Saudável está muito dentro do PELC a gente consegue fazer. De repente é preparar melhorar as pessoas que vão trabalhar com os idosos, em uma capacitação que tenha esse detalhe porque se a gente cuida de criança até os idosos. O Vida Saudável tinha que estar

aí. Essas áreas específicas que ela falou tinha que estar dentro do PELC, mas não houve interesse do município. Agora eu estou acompanhando para ver se abre... O Segundo Tempo eu vi que abriu porque a gente vai tentar fazer de novo o Segundo Tempo lá... E o Luta pela Cidadania que esse eu gostaria de fazer nas escolas.

P.J. – Tu comentou que está com o processo seletivo todo pronto. Tu consegue identificar o perfil desses agentes que se inscreveram para trabalhar?

J.C. – Então, a gente tem assim, tem de tudo. A gente tem até o... Foi muito engraçado que... Nessa hora foi muito difícil de avaliar porque a gente teve profissional de educação...

[INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA]<sup>10</sup>

J.C. – A gente teve pessoa, por exemplo, pessoa de formação de nível superior procurando para ser agente. Muita gente estava em dúvida porque a nomenclatura de agente social não fica bem definida o que é e o pessoal achava que agente social era um auxiliar administrativo, então, o edital que passou a gente tentou esmiuçar muito, mas não fomos nós que fizemos. Lá na prefeitura tem um órgão que é Controle e Suprimento, eles que fazem tudo, então o edital saiu como agente social. Então quando eles iam chegar lá para fazer a inscrição, a gente perguntava: “Qual sua especialidade?” Aí como a gente tinha as modalidades... Ainda bem que foi feito por esporte... “O que você sabe fazer, você sabe jogar futebol, sabe brincar, sabe contar história, sabe fazer artesanato... Ou sabe o que é o agente? O agente é isso! Você tem que se enquadrar em uma dessas modalidades aqui...”, “Ah, mas não é administrativo?” “Não, não é administrativo!” “Ah, mas não tem que ajudar o coordenador?” “É, mas ajudar o coordenador é isso. O coordenador é um profissional de Educação Física, ele vai supervisionar as atividades que os agentes vão... Então foi difícil, mas nós conseguimos, essas duas mil pessoas, nós conseguimos. Nós conseguimos todos os vídeos, nós conseguimos professor de fotografia, nós conseguimos professor de dança, de música, nós conseguimos a pessoa para o esporte que a aí a gente tem um convênio com os estagiários de algumas faculdades de Educação Física que também vão estar mandando estagiários para cumprir horas lá que a gente está pensando

em colocar para ajudar o PELC... Porque infelizmente a gente sabe que acaba tendo, mesmo a gente tentando fazer de tudo, aí vem sempre aquelas indicações que a gente faz o quê? Aceito ou não aceito? Algumas coisas a gente teve que fazer vista grossa porque não tinha como... Passava por ali, o aval não era nosso, vinha de superiores, mas no geral eu te digo que 90% do quadro é do processo e são pessoas que tem capacidade de executar, não outro que a gente sabe que por si mesmo a gente sabe que eles não vão querer ficar. Pela experiência que eu tenho eles não vão querer porque vai haver cobrança, entendeu? Os profissionais a gente está tentando montar de pessoas que já tinha experiência com trabalhos sociais, que já tinham trabalho ou no Segundo Tempo ou no PELC de outros municípios ou que já tinham trabalhado em algum outro tipo de projeto social que pudesse compor os quarenta coordenadores. Então a gente está fechando um grupo legal de coordenadores que eu acho que vai funcionar, vai chegar até os agentes de uma forma diferente. Ou por si ou eles se enquadram nesse grupo ou eles vão pedir para sair. A gente montou um cadastro reserva de quatrocentos e oitenta agentes, já deixei logo pronto. Fizemos um cadastro também dos coordenadores, dos setoriais e do pedagógico também. Então, todas essas pessoas todas já passaram por algum convênio, algum programa junto ao Ministério do Esporte. Apesar de ser grandioso, acho que vai dar certo, a gente está torcendo que sim porque se der certo a gente vai sacudir Belford Roxo!

P.J. – [riso] E o que tu destacaria no PELC em geral?

J.C. – Então, essa coisa de levar as pessoas para uma prática de uma atividade que tira primeiro ela de casa, ela conhece outras pessoas, muda a vida, sem a proposta de querer fazer dela um atleta, querer fazer dela um manequim, querer fazer da criança um lutador. Isso é uma proposta legal porque muita gente desiste no caminho... Pessoas que entram na academia para malhar, aí não malha, não chega ao objetivo, não perde aquela gordura, desestimula e vai embora! E a proposta do PELC não é essa, a pessoa vai lá dança, acaba se entusiasmando tanto, fazendo aquilo com tanto afinco, com tanto amor que vê mudança. A gente tinha modelos de pessoas lá em Japeri que perderam quinze quilos fazendo zumba! Eu perdi seis quilos só, numa dificuldade assim, mas só reduzindo alimentação. Imagina a pessoa que vai lá, duas vezes na semana dançar zumba! E fala: “Estou feliz da vida porque perdi...” Então, o resultado faz com que aquela pessoa veja o quanto aquilo muda a vida

---

<sup>10</sup> Coordenadora do evento entra na sala à procura de uma pessoa e interrompe a entrevista.

dela. Sem a proposta de querer mudança porque quando a pessoa chega para fazer o PELC, primeiro que a pessoa já chega meio assim: “Coisa do governo, de graça? Não vai funcionar!” Infelizmente as pessoas já vem com essa visão, o que é público não é para durar e não é profissional. Então a gente tem que vencer esse estigma que as pessoas tem, e a gente já conseguiu assim: É público, é, e vai funcionar e vai dar resultado. Então isso é que me encantou com o trabalho com o PELC e ver que as pessoas podem mudar de vida através de outras, então, uma boa equipe consegue fazer isso com coisas muito simples que é atenção, carinho... Eu costumo falar que tem uns rapazinhos lá: “Vocês vão ser o carro-chefe, tinha muita mulher, então tinha que ter os rapazes bonitinhos e muito bem educados, os agentes lá. Você trata todo mundo muito bem, chama de princesa... Ali que elas vão voltar. Não vai e volta...” E eles falavam assim: “Nossa Jane, as pessoas retribuem!” E eu falei: “Gente, todo mundo quer ser bem tratado, quer um bom dia, um sorriso, um abraço um ‘e aí como você vai?’, ‘Que bom que você voltou!’, ‘Que bom que você está aqui!’...” Isso vai fazendo com que as pessoas fossem voltando, voltando e voltando e as pessoas mudaram a vida delas! Que diziam: “Poxa, não vai ter não? O PELC vai entrar de férias? Não, não pode ter férias não!”. Gente, a uma semana do Natal e Ano Novo, que era minha última semana lá, a gente fez algumas atividades e eles: “Vai continuar, não é?” Eu dizia: “Vocês não têm que fazer compras de Natal?” “Sim, mas dá tempo!” Ninguém queria parar porque aquele momento, a zumba, nesse horário e passou a ser quase uma religião no conceito dessa cidade... Vou para minha religião que era o nosso PELC. Então isso para mim foi surpreendente de ver como as pessoas conseguem com uma boa motivação fazer coisas que nem elas mesmo sabiam que eram capazes de fazer, entendeu?

P.J. – E qual experiência mais marcante que tu teve no projeto?

J.C. – Olha, foi essa mãe do Ballet. Eu fiquei muito emocionada, e eu já choro à toa, já deu para perceber, eu fico muito emocionada. Eu chorei horrores nesse dia, mas eu chorei mesmo porque a gente se vê na pessoa do outro. Eu sempre choro! E eu vi ela falando aquilo e falei: “Caramba!” A gente de repente pagar uns cinquenta, cem reais para minha filha estudar ballet, para você ver uma coisa que ela nem quer, nem queria estudar... Aí outras pessoas que tem o sonho assim e você vê que você pode realizar aquele sonho daquela pessoa com uma coisa tão simples que é fazer o seu trabalho, fazendo bem feito. Isso para mim foi marcante, essa experiência lá no lugar que é eu não tenho como

descrever para vocês como é o lugar. Não é barro porque Brasília é toda de barro, mas lá é barro por falta de saneamento. De chão de barro, de muito mato, com muitos animais que é um município meio rural. E uma quadra moderna no meio do nada porque é uma quadra moderna no meio do nada, a escola das crianças ir de chinelo, com as canelas todas roxas, de ir para escola para comer porque é o que tem de alimentação... Teve um momento que a escola ficou sem alimentação e eles: “Poxa e aí, como é que faz para comer?” E você chega lá fazendo uma festa da escola que a gente chama de dia da família e fez junto com o PELC, fez esse dia da família porque não tinha como fazer a festa do PELC, o evento do PELC lá se não fosse nessas datas junto com a Educação, era nossa parceria com a Educação e aí coisas simples de reunir todo mundo do PELC. O pessoal do artesanato faz as roupas das meninas da dança, o pessoal de capoeira dança e assim, sabe? Então cada um, cada grupo ajuda o outro para ter roupa ter tudo e na hora ver aquela mãe falando aquilo foi muito emocionante! Nossa, eu chorei muito, muito... Foi para mim foi a história que mais marcou. Teve outras, teve um idoso também que ficou viúvo e não saía de casa... A gente chegou a ter quase cento e vinte idosos fazendo atividades em uma praça lá, três vezes na semana, sete horas da manhã. *Todos!* Todos era do núcleo verde que eles chamavam que era do núcleo da Nova Belém. E vindo e cada um ia chamando outro, ia chamando outro de fazer passeio. A gente levou eles para um zoológico! E assim, a carência, no caso dos idosos é a carência como a gente vê pessoas abandonadas. Abandonadas nas suas próprias famílias assim de querer conversar, de você olhar e a pessoas falar da vida toda, conversa e fala, fala... E a gente vê a carência das pessoas de falar, de ser bem tratado e isso foi uma outra experiência que me marcou muito.

P.J. – E na tua opinião o que poderia ser feito para qualificar ainda mais o PELC?

J.C. – O programa como um todo?

P.J. – Isso!

J.C. – Eu acho que essa questão do idoso. Eu acho que seria muito bom, essa parte que é específica do Vida Saudável dentro do PELC. Pelo menos assim, essa ideia como ela estava falando ali eu realmente não li a diretriz do Vida Saudável porque eu não estava executando, mas acho que trazer essa parte que é específica para dentro do PELC que tem

nesse grupo específico eu acho que ia ajudar bastante. A questão da identificação nem sempre as prefeituras conseguem por recurso próprio fazer, então, eu acho que ter identificação é legal. As pessoas gostam de vestir a camisa, literalmente gostam! Tanto que lá em Japeri a gente fez, eu consegui uma parceria lá de sete reais um camisa, aí eles davam cinco e dois sei lá, a gente conseguiu dividir que todo mundo conseguiu ter a sua camisa. Então aquele, com os idosos, eles chegavam lá e todos eles se arrumavam... Aquela camisa branquinha com verde ou rosa, mas assim eles gostam de estar identificados! Então o nosso convênio de Belford Roxo não tem, Japeri não tinha, mas o uniforme porque acabou, acho que voltar com o uniforme ia ser legal! A identificação é legal. A propaganda a gente faz, a gente cria site... A rede social, o *Facebook*, lá só *Facebook* e em Belford Roxo eu estou tentando implementar a ideia do *Twitter*, algumas coisas assim, mas lá era só *Facebook*, tinha páginas no *Facebook* todo mundo botava as fotos e se viam e se comentavam, a gente gravava videozinhos, era legal... A adaptação das pessoas com deficiência também, a gente tinha um grupo... Lá a gente chamava de Esporte Adaptado. Era um grupo que já tinha, então nós levamos eles para dentro do PELC. Só que lá era uma realidade... Era um lugar específico, mais difícil, nem todas as mães queria expor as crianças. A gente estava falando, olha para ninguém olhar eles como você diz que todo mundo olha, eles têm que estar no meio de todo mundo, a gente tem que incluir eles nessas atividades. Então nós fizemos atividades com eles e assim elas começaram a ver que... E de repente uma preparação né... Porque a gente não tem nada que fale um pouco mais sobre um trabalho específico com o deficiente, eu achei legal essa ideia do EAD que vai, dar pequenas pinceladas, mas eu acho que se a proposta do convênio tem o deficiente, a gente tem que se preparar um pouco melhor. Que fica também difícil achar o profissional que já venha com toda essa bagagem, então, se a gente tem alguma coisa que a possa ter uma base para seguir, claro que cada um a gente vai procurando, a gente foi vendo profissionais que: “Você já trabalhou com deficiente? O que a gente pode fazer?” o pessoal da Educação Física vai tentando montar aí um programinha, alguma coisa, mas se a gente já tem uma ideia é mais fácil de seguir todo mundo uma mesma linha, como a linha no geral do PELC.

P.J. – [riso] Tem alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de compartilhar, deixar registrado?

J.C. – Não, acho que eu já falei tudo.

P.J. – Então te agradecer mais uma vez pelo teu tempo e o Centro de Memória também está à disposição quando precisar.

J.C. – Está bom! Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]